



# A Santa Sé

---

VISITA PASTORAL A BOLONHA E EMÍLIA ROMANHA

18 DE ABRIL DE 1982

***DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II  
NO ENCONTRO COM O CLERO E OS RELIGIOSOS***

*Catedral de São Pedro em Bolonha*

*Domingo, 18 de Abril de 1982*

*Caríssimos Irmãos e Irmãs!*

1. É para mim uma alegria, que todas as vezes se renova com perfeito vigor, poder encontrar-me, durante as minhas visitas pastorais, com os que se consagraram a Cristo na plenitude das suas energias espirituais e físicas, tendo acolhido o Seu chamamento a um empenho sem reservas em favor da vinda do Reino de Deus.

Dirijo-vos, portanto, a minha afectuosa saudação, Sacerdotes, Religiosos, Religiosas e membros dos Institutos Seculares da Emilia-Romanha, que vos reunistes nesta antiga Basílica de São Pedro, para exprimir o vosso apego e a vossa devoção ao humilde seu Sucessor, chamado por Cristo ao tremendo dever de "apascentar os seus cordeiros e as suas ovelhas" (cf. *Jo 21, 15-17*). Ao fazer minhas as palavras do apóstolo Paulo, desejo repetir-vos, hoje, com vivo enlevo: "Amo-vos a todos em Cristo Jesus" (cf. *1 Cor 16, 23*).

Conheço as nobres tradições de zelo diligente, que sempre distinguiram o clero e os religiosos desta terra, na qual há tantos séculos passados Santo Apolinário difundiu a semente da Palavra de Deus, iniciando uma obra de cultivo espiritual, que devia dar preciosos frutos de vida cristã. Ao seu lado e depois dele, uma gloriosa série de operários evangélicos curvou-se sobre estes torrões fecundos, banhando-os com o suor de uma incansável doação apostólica e regando-os às vezes com o sangue do supremo testemunho.

Também hoje, em tempos sob certos aspectos não menos difíceis, outras almas generosas tornaram a levantar das mãos de quem as precedeu o faixo do anúncio evangélico, assumindo a tarefa de levar a luz de Cristo à geração actual, atraída às vezes e desviada pelos fogos fátuos de enganadoras ideologias. Estas generosas almas sois vós. Sacerdotes, Religiosos e Religiosas, que trabalhais nas nobres Igrejas da Emilia-Romanha! Sois vós, membros dos Institutos Seculares, que em novas formas, impostas pelas exigências dos tempos, perseguis o mesmo ideal, o de serdes fermento evangélico, colocado na massa de farinha "a fim de ficar toda levedada" (*Lc 13, 21*). Sois vós, Claustrais dos 46 Mosteiros da Região, espiritualmente aqui presentes com a oração e a oferenda da vossa vida.

2. A cada um de vós quero hoje dirigir antes de tudo *um convite à confiança*. Cristo ressuscitou! O alegre anúncio, que a liturgia pascal fez ressoar novamente nestes dias, é a ratificação de uma realidade vivida pela história da humanidade. Cristo manteve a promessa feita aos seus discípulos: ao terceiro dia da sua morte, Ele ressuscitou e entrou na imortalidade. Ele vive e viverá para sempre!

Mais ainda: Ele ressuscitou não apenas para si, mas também para nós. Cada um dos homens, que n'Ele acredita, é introduzido no âmbito da vida futura que Ele — "primogénito de muitos irmãos" (*Rom 8, 29*) — inaugurou para nós. O mistério da Páscoa não diz respeito só a Ele, Filho de Deus e Filho do homem: diz respeito também a nós, filhos dos homens, que n'Ele nos tornámos filhos de Deus. A força da sua ressurreição já actua no mundo como dinamismo vitorioso, que a quantos a aceitam na fé estimula para a meta suprema da vida plena para além da morte.

Quanto optimismo não se manifesta por uma semelhante mensagem! A vida, para quem tem fé, mostra-se ao término da vicissitude humana, como radiante porto para além do obscuro sorvedouro da morte. O bem traz em si a garantia da final vitória sobre o mal. A felicidade anuncia-se como aspiração realizável e em medida superabundante, tal que o nosso coração nem consegue imaginar (cf. *1 Cor 2, 9*).

E que estímulo à generosidade e ao compromisso não deriva deste anúncio àqueles que desejam trazer o próprio contributo ao progresso da humanidade! Eles sabem que podem contar com o Espírito, concedido à Igreja por Cristo ressuscitado (cf. *Jo 20, 22*), a fim de que suscite da cidade terrestre e mortal aquela celeste e imortal, vivificando e sustentando a doação de quantos se esforçam por orientar a ordem temporal para a liberdade e a justiça, para a unidade e a concórdia, para o amor recíproco e a paz operosa.

Deixai-vos, caríssimos, ser penetrados pela alegria que dimana da mensagem pascal, de tal modo que ela se irradie de toda a vossa palavra e de toda a vossa atitude.

3. Esta é, na verdade, a segunda palavra que desejo hoje confiar-vos: *sede testemunhas*.

Testemunhas da esperança que tem as suas raízes na fé. Testemunhas do invisível numa sociedade secularizada, que exclui muito frequentemente toda a dimensão transcendente.

Sim, caríssimos Sacerdotes, Religiosos, almas consagradas: no meio dos homens desta geração, tão imersa no *relativo*, vós deveis ser vozes que falam de *absoluto*. Não lançastes talvez, por assim dizer, todos os vossos recursos na balança do mundo, para fazer que ela se incline felizmente para Deus e para os bens por Ele prometidos? A vossa foi uma opção decisiva na vossa vida: optastes pela generosidade e pelo dom perante a ambição e o cálculo; escolhestes contar com o amor e com a graça, desafiando quantos vos consideram por isto ingénuos e inconcludentes; dirigistes toda a vossa esperança para o Reino dos Céus, quando muitos ao vosso redor não se preocupam senão em assegurar a si mesmos uma confortável permanência na terra.

E vós, no entanto, em *serdes coerentes*, apesar de todas as dificuldades. O destino espiritual de tantas almas está ligado à vossa fé e à vossa coerência.

Deste destino, que se desenvolve no tempo mas tem por meta o eterno, vós deveis ser o constante apelo, testemunhando com a palavra, e mais com a vida, a necessária orientação para Aquele que constitui o seguro porto da nossa trajectória existencial. A vossa vocação coloca-vos como sentinelas avançadas da humanidade em caminho: na vossa oração e no vosso trabalho, na vossa alegria e no vosso sofrimento, nos vossos sucessos e nas vossas provações, a humanidade deve poder encontrar o modelo e a antecipação daquilo que também ela é chamada a ser, apesar das próprias obrigações e dos próprios compromissos.

4. Neste contexto, desejaria dizer uma particular palavra aos que a sagrada ordenação incumbe uma específica missão no plano salvífico. Muitas foram, nestes anos, as discussões sobre a natureza do presbiterato e sobre a função que lhe compete na Igreja. Não poucos Sacerdotes sofreram, como consequência, uma "crise de identidade", que deteve o empenho.

É tempo já de descobrir de novo a grandeza do dom concedido por Cristo à Igreja, ao instituir o sacerdócio ministerial. É tempo, sobretudo, de reencontrar o estímulo generoso na correspondência ao Seu chamamento e no acolhimento à recomendação saída dos Seus lábios: "Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda a criatura" (*Mc 16, 15*).

Esta é, de facto, a missão essencial do Sacerdote. Ele é o *anunciador da Palavra de Deus*, como se manifestou por último e de modo definitivo em Jesus Cristo. É a palavra do amor de Deus por todos os homens, por Ele chamados a formar uma só família: uma palavra que pede seja traduzida em acções concretas e também em instituições sociais novas e melhores. Tais consequências sociais inovadoras, todavia, não será de regra o Sacerdote quem deverá tirá-las: este empenho, na verdade, constitui a missão própria dos leigos (cf. Const. dogm. *Lumen gentium*, 31; Decr. *Apostolicam actuositatem*, 7; Decr. *Ad gentes*, 21).

Como também: a palavra da mensagem evangélica, confiada ao Sacerdote, é palavra de perdão, que liberta da alienação do pe-cado e reacende no coração a esperança. Não há dúvida que ela exerce uma acção lenitiva sobre as feridas deixadas, talvez, pela culpa na psique de quem se tornou responsável: contudo, não será o Sacerdote que deverá ocupar-se de uma específica terapia psicológica, que pretenda resolver os traumas consequentes de erradas experiências do passado (cf. *Monitum do S. Ofício de 13 de Julho de 1961*, n. 3: AAS 1961, vol. 53, p. 571).

A palavra, anunciada pelo Sacerdote, atinge o seu vértice no Sacrifício eucarístico, no qual o Pão, que é o Corpo de Cristo, é "repartido" e "dado" para os homens. Quem não vê em tal gesto um claro convite à partilha de todos aqueles bens colocados pelo Criador sobre a "mesa" da terra para os homens, que são todos igualmente seus filhos? E, todavia, o empenho concreto por uma distribuição mais justa, entre os indivíduos e nações, dos recursos disponíveis é tarefa que chama directamente em causa não o Sacerdote, mas os responsáveis da vida económica e política no âmbito da cidade, da nação, do mundo inteiro (cf. Const. dogm. *Lumen gentium*, 26; Decr. *Apostolicam actuositatem*, 14; Const. *Gaudium et spes*, 69).

É talvez este um argumento temeroso e renunciável? Deve-se talvez reconhecer nisto uma fuga no compromisso concreto? Pode pensar assim só quem não avaliou em toda a sua amplitude o pessoal comprometimento, que do sacerdote exige a missão, a ele confiada, de "anunciar a Palavra". Se a certas tarefas ele deve renunciar, é só para poder desempenhar totalmente a *tarefa que lhe é própria*: ser o portador de uma mensagem, que não se identifica com nenhuma função particular, mas que julga todas as funções e faz novo apelo à radical seriedade da norma suprema: "Que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei" (*Jo* 15, 12).

Para poder anunciar a "palavra de salvação" (*Act* 13, 26) com a mais elevada liberdade, que lhe deriva de não ser "parte em causa" nas tensões presentes nas Comunidades e no mundo, o Sacerdote deve submeter-se a um contínuo autocontrole e enfrentar também o dissabor de se sentir, às vezes, incompreendido ou até contestado e rejeitado. A generosa dedicação ao próprio dever não deixará de lhe obter de Deus aquela "audácia" (cf. *Act* 4, 29.31; 28, 31) que consentiu aos primeiros apóstolos enfrentar um mundo ainda totalmente pagão e transformá-lo.

5. "Anunciar a Palavra", esta é a vossa missão específica, caríssimos Sacerdotes. Aqui está a raiz da vossa quotidiana preocupação, aqui a fonte inexaurível da vossa alegria mais autêntica. Como ministros da Palavra, porém — é este o último pensamento que vos deixo —, vós deveis conhecer seja o conteúdo da mensagem a nós confiada, seja a mentalidade das pessoas às quais é destinada. Isto significa que deveis esforçar-vos por ser *homens de cultura* e, em particular, *verdadeiros teólogos*.

É-me grato reevocar este empenho, aqui, numa Região que tem no seu centro uma cidade como Bolonha que, em matéria de cultura, brilhou nos séculos como farol de luz muito esplêndida. A vós a ufania de acreditar numa tão nobre tradição, seja cuidando da constante adequação das

estruturas formativas centrais e periféricas, seja impenhando-vos pessoalmente naquela aprofundada reflexão sobre a Palavra de Deus, no contexto dos interrogativos emergentes da experiência, que constitui a alma de toda a verdadeira teologia.

Será graças a tal esforço que vós evitareis ser ou meros repetidores de fórmulas em si justas mas que não atingem a problemática actual, ou também imprudentes inovadores que sabem, sim, receber as tendências do momento, mas não avaliá-las com amadurecido "discernimento" (a "diákrisis" de que fala São Paulo: cf. *1 Cor* 12, 10), à luz do supremo critério, que é e permanecerá sempre a Palavra de Deus. O perigo de serdes infantilmente "agitados" pelas ondas e levados num vaivém "por qualquer sopro de doutrina" (*Ef* 4, 14) não é só do passado, mas investe todas as épocas da história, inclusive a nossa.

É necessário por conseguinte "aplicar-se à leitura" (*1 Tim* 4, 13), aprofundando o conhecimento das Escrituras, as quais podem "dar a sabedoria que leva à salvação pela fé em Jesus Cristo" (*2 Tim* 3, 15), e proclamar depois com fidelidade tudo o que nelas é proposto, não limitando o anúncio ao que é agradável ao próprio coração, talvez ainda muito "endurecido", ou àquilo que se pensa poder encontrar o aplauso ou, ao menos, o benévolo acolhimento do ambiente. Também hoje, de facto, como ontem e sempre, permanece verdadeiro que o Evangelho da Cruz é "escândalo para os Judeus, loucura para os gentios, mas para os eleitos.... é o poder e a sabedoria de Deus" (*1 Cor* 1, 23.24).

6. Caríssimos, ao despedir-me de vós, desejo renovar a exortação à confiança e ao optimismo, com a qual iniciei. Não nos foi repetido, precisamente hoje pela Liturgia, que na nossa fé está "a vitória que venceu o mundo" (*1 Jo* 5, 4)? Tende fé, portanto, "embora não tendo visto" (*Jo* 20, 29) e todos os problemas serão por fim resolvidos e superados.

A Virgem Santa, que desta fé corajosa é insuperável modelo, esteja ao vosso lado com o seu constante auxílio e vos acompanhe ao longo das estradas do vosso serviço eclesial, a fim de que possais espargir a mãos cheias, no ânimo de tantos irmãos e irmãs, a semente da esperança que "não nos deixa confundidos" (*Rom* 5, 5). Em seu nome, a todos concedo de coração a minha Apostólica Bênção.